AgEcon SEARCH
RESEARCH IN AGRICULTURAL & APPLIED ECONOMICS

The World's Largest Open Access Agricultural & Applied Economics Digital Library

This document is discoverable and free to researchers across the globe due to the work of AgEcon Search.

Help ensure our sustainability.

Give to AgEcon Search

AgEcon Search
http://ageconsearch.umn.edu
aesearch@umn.edu

*Papers downloaded from **AgEcon Search** may be used for non-commercial purposes and personal study only. No other use, including posting to another Internet site, is permitted without permission from the copyright owner (not AgEcon Search), or as allowed under the provisions of Fair Use, U.S. Copyright Act, Title 17 U.S.C.*

O PROGRAMA SAI E SEU EFEITO NA CAPACITAÇÃO DO EMPRESÁRIO RURAL DO ALTO TIETÊ - SP

EMERSON MORAIS VIEIRA; THOMAS NITZSCHE; ADRIANI KOLLER DA SILVA;

SEBRAE SP

MOGI DAS CRUZES - SP - BRASIL

emersonv@sebraesp.com.br

APRESENTAÇÃO SEM PRESENÇA DE DEBATEDOR

INSTITUIÇÕES E ORGANIZAÇÕES NA AGRICULTURA

O Programa SAI e seu efeito na capacitação do empresário rural do Alto Tietê - SP.

Grupo de Pesquisa: Instituições e Organizações na Agricultura

Forma de apresentação: apresentação com presidente e sem a presença de debatedor

O Programa SAI e seu efeito na capacitação do empresário rural do Alto Tietê - SP.

RESUMO

A região do Alto Tietê caracteriza-se por uma das mais produtivas regiões agrícolas do país, concentrando sua produção nas cadeias das hortaliças folhosas, cogumelos comestíveis, caqui, nêspera e flores. Com uma concentração de aproximadamente 80% de pequenos produtores rurais com áreas de até 20 hectares, exige dos atores locais um elevado grau de sinergia para que possam efetivamente implantar seus recursos financeiros, econômicos, produtos e serviços em prol do desenvolvimento territorial.

O estudo aborda a importância do esforço coletivo do SEBRAE/SP, Sindicato Rural de Mogi das Cruzes e CATI/EDR Mogi das Cruzes, que implantaram um programa conjunto para atuarem no setor agrícola a partir de 1997. Mostra, também, que a partir do ano de 2001, por meio do Programa SAI, convênio realizado entre estes parceiros, o acesso do produtor rural a capacitação é ampliado, refletindo numa mudança da rede de atores locais, com a organização de novos grupos de produtores.

Observou-se, também, a importância de disponibilizar um conjunto de meios para o produtor se capacitar, não só através de cursos, mas também, no intercâmbio com outros elos da cadeia.

PALAVRAS-CHAVE: cadeia produtiva, Programa SAI, empresário rural, treinamento rural, Alto Tietê.

Abstract

Alto do Tietê region, located at São Paulo State, is one of the most important agricultural areas in Brazil, specially for minor crops (flowers, mushrooms, leafy vegetables, loquat, persimmon). Composed by 80% of small producers that harvest in small areas (about 20 ha), the rural workers really need a commom effort from all local institutions to improve their development. This research studied the importance of Sebrae/SP, Rural Sindycate of Mogi das Cruzes, CATI, acting together to put in practice the SAI Program in order to increase worker's capacity, organization and technological acceptance.

KEY WORDS: **productive chain, SAI Program, rural enterprise, rural training program, Alto Tietê.**

O Programa SAI e seu efeito na capacitação do empresário rural do Alto Tietê - SP.

1. INTRODUÇÃO

Os negócios envolvendo o setor rural são responsáveis por 42% do PIB nacional, com aproximadamente 93% das sete milhões de propriedades rurais existentes de pequeno porte. A necessidade de transformar o produtor rural em empreendedor rural foi um dos passos rumo à inclusão das pequenas propriedades no setor de agronegócio. Em 1997, o Sebrae-SP desenvolve a metodologia do SAI – Sistema Agroindustrial, testando seu piloto na região de Votuporanga em 1998. Os resultados positivos alcançados permitiram a oficialização da metodologia e o início da implantação do programa em todo Estado (SEBRAE, 2005).

Para atingir esta meta, construiu-se uma rede de parcerias, formada pela Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo, por meio de seus Escritórios de Desenvolvimento Regional (CATI/EDR), prefeituras municipais, sindicatos rurais, cooperativas, universidades entre outros. A ação associada permitiu que em meados de 1999 o SAI estivesse implantado em 147 municípios paulistas, em 2000 estava em 26 regiões do Estado, abrangendo 400 municípios e em 2004, atingiu 643 municípios, dos 645 municípios do Estado de São Paulo (SEBRAE, 2005).

Na região do Alto Tietê, contemplando os municípios com áreas de intensa produção agrícola (Mogi das Cruzes, Suzano, Biritiba Mirim, Salesópolis e Guararema), o Programa SAI iniciou suas atividades a partir do ano 2001, através de uma parceria entre o SEBRAE/SP, CATI/EDR Mogi das Cruzes e Sindicato Rural de Mogi das Cruzes, por meio de convênio anual firmado entre parceiros. Foram disponibilizados inicialmente 01

Coordenador, 02 Agentes de Negócios e 05 Agentes de Desenvolvimento, que atenderiam os produtores rurais agrupados por cadeias produtivas da região (SEBRAE, 2004)

A metodologia do programa incluiu 06 itens, sendo a capacitação do produtor rural dentro do contexto de cadeia produtiva, uma das ações estratégicas do Programa SAI (SEBRAE, 2004). O Programa SAI vem facilitando o acesso dos produtores à capacitação e tem gerado avanços na organização social dos grupos, consistindo num parâmetro de motivação para a continuidade dos produtores no programa e servindo de exemplo para a entrada de novos produtores (FURQUIM et al., 2005).

A presença constante de técnicos junto ao produtor rural foi o elemento de ligação indispensável para o sucesso e a permanência de novas práticas introduzidas. A gestão dos recursos comuns é um desafio da ação coletiva, exigindo um conjunto de competências que permitem um aprendizado coletivo, entre técnicos, produtores e instituições (ABRAMOVAY, 2006). Além dos conhecimentos na tecnologia da produção, é necessário aumentar os conhecimentos dos técnicos na formação gerencial, aumentando a formação social dos que lidam com o setor produtivo (TEIXEIRA et al., 2005).

Portanto, nos tempos atuais a capacitação além de permitir o acesso do produtor a novas tecnologias e reciclagem da mão-de-obra, deve buscar promover a capacidade gerencial do produtor conciliando com seu saber tradicional. Estes fatos têm obrigado a extensão rural a rever sua forma de atuação e repensar novas metodologias de trabalho (MERCÊS e SANT'ANA, 2005).

A educação rural não deve ser compreendida apenas como a possibilidade de capacitação do produtor e no aumento de sua eficiência produtiva, mas compreendida em sua dimensão política, com programas oriundos e que respondam às demandas e à dinâmica do meio rural (RICCI, 2005). Trata-se de desenvolver, através de métodos e atividades, o avanço da capacidade do produtor de decidir com mais propriedade, conferindo-lhe mais autonomia, mais poder, no sentido de decisões adequadas à suas necessidades. E, o técnico participa mais intensamente de um intercâmbio de saberes (MACHADO et al., 2005).

Esta necessidade de parcerias institucionais aparece como uma das principais recomendações para ações de curto prazo numa política agrícola e agroindustrial focada no setor da produção agrícola familiar. Nela, contempla a necessidade de estimular parceria entre governos e estruturas cooperativas e sindicais que garantam a formação profissional dos agricultores familiares (GUANZIROLI et al., 1995). Têm-se, então, quatro condicionantes do desenvolvimento rural, que intervém sobre a dinâmica da produção familiar: o incentivo da produção, a disponibilidade de recursos, o acesso aos mercados e, por último, as instituições que influenciam nas decisões (BUAINAIM et al., 2003).

Neste ponto, o território passa a ser uma construção social e política, pois as relações endógenas entre seus componentes públicos e privados estabelecem uma rede de poder criando comunidades guiadas por objetivos econômicos e sociais, coordenadas entre atores. Esta mobilização social local determinará o perfil da comunidade política territorial, por meio de uma cooperação e reciprocidade, permitindo o pleno desenvolvimento da comunidade local (PAULILLO, 2000).

A tendência atual nos sistemas de extensão rural é de apostar no capital social, onde os produtores só se aproveitam de projetos se apropriarem das oportunidades advindas dele, sempre de uma forma que lhe é própria e funcional. E, ao se apropriar, empoderam-se (MACHADO et al., 2005).

Esta construção implica numa necessidade de transformação das pessoas, surgindo o contexto do desenvolvimento local como mecanismo e necessidade de reintegração social. O local e o cotidiano representam, em última instância, o plano de manifestação do desenvolvimento ou da falta dele. Portanto, nele dão-se as diferentes participações dos atores, buscando soluções para seus conflitos, negociando compromissos e construindo sinergias. Também, aí ocorrerão os encadeamentos a jusante e a montante, permitindo novos arranjos produtivos locais (SACHS, 2002).

O Programa SAI vem atuando com este objetivo, fomentando o desenvolvimento dos segmentos produtivos locais por meio de núcleos setoriais, constituindo um fórum de debate entre pequenos produtores do mesmo segmento e buscando coletivamente soluções para suas necessidades, carências, problemas e objetivos. E, a partir dos agentes de

desenvolvimento, completam-se estes processos participativos, resgatando a importância do associativismo e descobrindo novas forças para atuação em conjunto (PEREIRA et al., 2005).

2. OBJETIVO

Este trabalho teve como objetivo geral avaliar o efeito do Programa SAI – Sistema Agroindustrial Módulo Mogi das Cruzes na capacitação dos produtores rurais da região do Alto Tietê.

Foi avaliado o conjunto de ações focadas na capacitação do produtor rural realizadas em conjunto pelo SEBRAE/SP, Sindicato Rural de Mogi das Cruzes, IDEAGRO (Instituto para o Desenvolvimento de Agronegócios) e CATI – EDR Mogi das Cruzes, entre os anos de 1997 a 2005.

3. METODOLOGIA

No âmbito deste trabalho a capacitação do produtor rural foi separada em grupos, de acordo com o objetivo específico de cada ação. Foi considerada atividade de capacitação toda ação que envolvia aprendizado, inserção de novas visões, tecnologias e procedimentos e registrada através de listas de presença, reportagens e relatórios emitidos pelo SEBRAE/SP, Sindicato Rural de Mogi das Cruzes e CATI/EDR Mogi das Cruzes.

As atividades foram agrupadas de acordo com os seguintes critérios:

a) *Cursos Gerenciais*: cursos com mais de 08 horas, voltados para a formação empreendedora e a capacitação gerencial da atividade agropecuária. Foram incluídas: Programa de Capacitação Rural, Curso Despertar Rural e cursos do Sistema de Gestão Empresarial, Aprender a Empreender, todos eles ofertados pelo SEBRAE/SP;
b) *Cursos Técnicos:* cursos voltados para a capacitação na técnica da produção, com objetivo de introdução de novos procedimentos para aumento da

produtividade. Foram considerados: Oficinas Sebraetec, cursos do SENAR e da CATI.

c) *Cursos de Formação de Liderança:* voltados para o fortalecimento da organização social, através da capacitação e formação de novas lideranças no setor agrícola. Foram considerados: Curso Agroideal , Curso Ideal e Curso Juntos Somos Fortes, todos eles ofertados pelo SEBRAE/SP;

d) *Cursos de Qualidade:* voltados para a implantação de procedimentos de qualidade na gestão e na produção. Foram considerados: Programa Qualidade Total e PAS-Programa de Alimento Seguro, ambos ofertados pelo SEBRAE/S;

e) *Palestras:* voltados para o desenvolvimento do setor agrícola da região, abrangendo a gestão empresarial, mercado, marketing, técnicas de produção, associativismo e desenvolvimento pessoal. Foram consideradas atividades com até 04 horas de duração. Realizadas por todos os parceiros envolvidos.

f) *Missões e Caravanas:* viagens técnicas realizadas com grupos de produtores para conhecimento de novas tendências de produção, mercado e tecnologia. Organizadas por todos os parceiros envolvidos;

g) *Consultorias Coletivas:* atividades com acadêmicos e técnicos especializados em produção, gestão e mercado, que atendem demandas específicas dos grupos de produtores, seja por cadeia, seja por região. Organizadas por todos os parceiros envolvidos;

h) *Simpósios:* evento técnico realizado no mínimo por 03 dias consecutivos, organizado por atores locais e não-locais e focados na melhoria das técnicas de produção e gestão.

i) *Eventos:* atividades para divulgação dos produtos agrícolas da região (campanhas de safra), campanhas de degustação e abertura de programas regionais. Foram considerados àqueles que tinham especificamente atividades voltadas para o aprimoramento do produtor. Não foram consideradas as atividades puramente políticas, como assinaturas de convênios.

j) *Convênio SAI:* ano de implantação do convênio SAI – Módulo Mogi das Cruzes, na região do Alto Tietê;

k) *Número de Grupos Atendidos:* grupos formais e informais de produtores rurais que foram formados e/ou atendidos conjuntamente pelos parceiros Sebrae/SP, Sindicato Rural e CATI, ou especificamente pelo Programa SAI nos anos em que estava conveniado.

4. HISTÓRICO DAS ATIVIDADES

4.1. Perfil agrícola da região do Alto Tietê

A região do Alto Tietê é formada pelos municípios de Mogi das Cruzes, Suzano, Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos, Poá, Guararema, Biritiba Mirim e Salesópolis, com uma área de 2.063 km^2 e população de 1.292.257 habitantes[1] (IBGE, 2005).

Embora seja uma região integrada na Região Metropolitana de São Paulo, apresenta uma diversidade produtiva intensa, com indústria, agricultura, comércio e serviços bem diversificados.

[1] População estimada para o ano de 2004. IBGE, www.ibge.gov.br/cidadesat, em 29/05/2005.

Para análise deste estudo, consideraremos a produção agrícola abrangendo os municípios de Mogi das Cruzes, Biritiba Mirim, Salesópolis e Guararema. Dados do projeto LUPA[2] de 95/96 (PROJETO LUPA, 2005) mostram que estes municípios correspondem a 76% de todas as unidades produtivas agrícolas (UPA) da região (neste caso a área de abrangência da CATI- Coordenadoria de Assistência Técnica Integral – Escritório Regional Mogi das Cruzes).

Município	Propriedades	Área Total (há)	Área Média	UPAs até 10 há	%	UPAs até 20 há	%
Mogi das Cruzes	1458	27323,1	18,74	995	68,2%	1248	85,6%
Biritiba Mirim	450	18552	41,23	278	61,8%	351	78,0%
Guararema	542	19632,5	36,22	259	47,8%	374	69,0%
Salesópolis	528	12945,3	24,52	252	47,7%	407	77,1%
Microrregião	2978	78452,9	26,34	1784	59,9%	2380	79,9%
Área EDR	3878	98044,2	25,28	2352	60,6%	3117	80,4%

Tabela 1 – Relação entre percentual de pequenas propriedades na região do Alto Tietê. Adaptado do Projeto LUPA (2005)

Os dados da Tabela 01 tornaram evidente a grande concentração de pequenas propriedades agrícolas na região, sendo que as de até 20 hectares correspondem a 79,9% do total, e 59,9% correspondem a UPAs com até 10 hectares. Percebe-se, também, uma homogeneidade na distribuição das pequenas propriedades nos municípios, caracterizando uma distribuição típica da região.

Outro dado importante, refere-se as cadeias produtivas e suas participações na produção local e estadual. Para efeito do estudo, foram consideradas as cadeias que agregassem um grande número de pequenas propriedades e expressiva participação na produção estadual.As principais cadeias foram incluídas na Tabela 2.

Cultura[3]	*Estado*	*Brasil*
Alface	42,50%	18,00%
Repolho	10,00%	2,10%

[2] Projeto LUPA, Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Estatísticas Agrícolas, EDR Mogi das Cruzes, base 1995/1996. http://www.cati.sp.gov.br/novacati/index.php em 19/07/2005. Área de abrangência da CATI EDR Mogi das Cruzes: Arujá - Biritiba Mirim - Ferráz de Vasconcelos - Guararema - Itaquaquecetuba - Mogi das Cruzes - Poá - Ribeirão Pires - Rio Grande da Serra - Salesópolis - Santa Isabel – Suzano.

[3] Foram utilizados os seguintes parâmetros para comparação: Alface , Repolho e Cogumelos – quantidade produzida por tonelada; Caqui e Nêspera – quantidade de frutos; Flores – área de produção.

	Cogumelos		68,40%	55,76%
Caqui	48,17%	20,22%		
Nespera	85,18%	40,92%		
Flores *	14,50%	n/d		

Tabela 2 – Participação das principais culturas agrícolas da região do Alto Tietê no cenário estadual e nacional. Fonte: Censo Agropecuário, IBGE 1996. (*) Projeto Lupa, 1996.

Diante destes índices de participação no cenário de produção estadual e nacional, somado ao expressivo número de pequenas propriedades rurais e de toda a cadeia que movimenta, o agronegócios no Alto Tietê deve ser visto como um importante setor econômico e social. O fato de existirem quatro grandes cadeias produtivas locais (hortaliças folhosas, frutas, cogumelos e flores) demonstra a importância da ação conjunta dos atores locais para a elevação da competitividade do setor e da aglutinação de produtores em torno de temas comuns ao agronegócio local.

4.2. A participação do Programa SAI no processo de capacitação dos produtores rurais da região

A partir do ano de 1997, o SEBRAE/SP instalou uma agência na região, com foco voltado para o desenvolvimento da pequena propriedade rural. Somando aos atores já instalados e atuantes, Sindicato Rural de Mogi das Cruzes e a CATI, começou-se a planejar ações em conjunto, em quatro frentes: a valorização do setor na região; a adequação dos produtos e dos processos dentro de novas perspectivas de qualidade e eficiência; a organização social e o estímulo ao associativismo; e a capacitação contínua do produtor rural, tanto em novas técnicas de produção, como em gestão empresarial.

Foi introduzido o conceito de cadeia produtiva junto aos produtores; as relações *antes da porteira* e *depois da porteira* e o apoio institucional local e não-local foram tidos como importantes agentes para o desenvolvimento local. Um estudo preliminar realizado pelos três parceiros (Sindicato Rural, SEBRAE/SP e CATI) mostrou que:

- havia 06 cadeias importantes na região: hortaliças folhosas, cogumelos comestíveis, flores e plantas ornamentais, caqui, nêspera e ovos de codornas, todas elas com grande concentração de pequenos produtores;
- todas as cadeias passavam por processos semelhantes de problemas na comercialização e desarticulação entre os produtores e o mercado;
- era necessário iniciar um trabalho articulado entre as instituições, de modo a mostrar para os produtores uma coesão institucional.
- O processo da educação continuada, como indutor de novas atitudes dos produtores frente as novas realidades que surgiam.

No final de 1997 o SEBRAE/SP lança o PCR – Programa de Capacitação Rural, com o objetivo de capacitar administrativamente os produtores.[4] O grupo de produtores de

[4] O Programa de Capacitação Rural consiste em um treinamento de 64 horas, em 04 módulos de 16 horas (Associativismo, Custo de Produção, Comercialização e Administração Rural), além do acompanhamento de um técnico que ajuda o grupo de alunos a realizar um programa de trabalho coletivo.

caqui organiza a primeira turma, com resultados surpreendentes. Os produtores discutem problemas em comum, viabilizam sua primeira compra coletiva de insumos e criam um grupo de trabalho que foi o embrião para o nascimento da AFRUT (Associação Frutícola do Alto Tietê).

A movimentação realizada em 1997 continuou intensa no ano seguinte. Produtores de ovos de codornas também solicitaram apoio das três instituições. Reuniões periódicas aconteciam com grupos de produtores das cadeias de frutas, cogumelos e ovos de codornas, onde eram levantadas as principais demandas.

Os trabalhos foram direcionados com foco para a:

- capacitação técnica na área de produção, através de consultorias, análises laboratorias, cursos, palestras e dias de campo;
- estreitamento nas relações institucionais com entidades de pesquisas, órgãos de fomentos e universidades;
- aprimoramento da gestão empresarial;
- busca de novas alternativas de mercado;
- aproximação dos elos da cadeia produtiva (antes e depois da porteira);
- divulgação da região.

Durante o ano de 1998 foi intensificada estas frentes, ampliando as ações para os produtores da cadeia de hortaliças e de flores e plantas ornamentais. Foram realizadas diversas ações de capacitação técnica, gerencial, missões a feiras de negócios e aproximação com novas instituições.

Palestras e eventos técnicos traziam novos paradigmas para produção, comercialização e relação com o mercado. Os pequenos produtores começavam a participar de grupos de trabalhos para discutirem problemas comuns. Nascem nesta época os embriões que culminaram na criação da APAC (Associação Paulista de Cotornicultura), AFAT (Associação dos Fungicultores do Alto Tietê), AFRUT (Associação Frutícola do Alto Tietê) e Cooperativa dos Produtores de Cogumelo, esta última fechada no ano seguinte por brigas internas entre produtores chineses.

Em 1999 os trabalhos seguiam como uma extensão das atividades do ano anterior. Porém, o trabalho de divulgação do agronegócio local começava a surtir efeitos positivos. A região foi uma das 04 escolhidas para ser piloto no curso de formação de lideranças rurais do SEBRAE/SP. Este treinamento ocorreria em 10 módulos, com 80 horas/aula, focando a formação do líder, abrangendo os temas: o que é um líder; técnicas de negociação; formação de alianças; como um líder atua; planejamento estratégico. Foram convidados jovens produtores, que tinham perfil de liderança dentro dos grupos em que atuavam, técnicos das cadeias e representantes institucionais. No final o grupo se formou com 20 alunos.

Durante 05 meses os participantes trocaram informações e conheceram técnicas de liderança. A interação e confiança do grupo foram aumentando no decorrer do treinamento. No final do curso deveriam ser apresentados projetos coletivos, de interesse regional. Surgiram dois projetos: o AGROALT – Produtos Agrícolas do Alto Tietê e o Santuário das Orquídeas.

O AGROALT tinha como objetivo essencial divulgar os produtos agrícolas da região através de um selo de origem. Isto deveu-se ao fato de que o caqui, o cogumelo e as hortaliças tinham um valor agregado no mercado por serem produzidos na região. No caso das flores, da nêspera e dos ovos de codornas, não existia esta percepção do mercado. Era o início da construção de um projeto essencialmente agrícola, abrangendo o contexto do território produtivo local.

O Santuário das Orquídeas tinha como principal objetivo a divulgação da região como produtora de orquídeas e o estabelecimento de um circuito de turismo rural na região produtora do bairro do Itapeti. Foi o precussor do circuito das flores inaugurado em 2005 e iniciando, assim, a discussão das atividades não-agrícolas ligadas ao setor rural na região.

No decorrer do ano 2000, a prioridade foi atender as demandas dos grupos de produtores de frutas, cogumelos e ovos de codornas, focadas na divulgação dos produtos da região e no fomento de novos canais de comercialização. Como atividades foram realizadas campanhas de degustação, lançamento de safra e pesquisa junto ao público consumidor.

A organização destas atividades era nova e exigia ações em conjunto entre as instituições e os grupos de produtores. Os resultados eram animadores e vislumbravam que o caminho estava correto, necessitando de pequenas correções. Mas, o ponto de estrangulamento era a falta de técnicos que pudessem atender a crescente demanda.

A solução apresentada foi o lançamento do Progama SAI – Sistema Agroindustrial Integrado, convênio entre o SEBRAE/SP, Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e uma ONG local, que disponibilizava recursos financeiros para contratação de técnicos que atuariam no desenvolvimento das cadeias produtivas agrícolas do Estado de São Paulo.

Lançado na região de Mogi das Cruzes no final do ano 2000, os técnicos iniciaram as atividades em janeiro de 2001, tendo como estratégia de atuação a implantação do programa AGROALT.[5] Foram priorizadas duas frentes: a continuidade das ações dos grupos já implantados (segunda e terceira etapas) e a abertura de novos grupos (etapa um), principalmente na cadeia de hortaliças e flores; ampliar as ações para os municípios de Guararema, Biritiba Mirim e Salesópolis.

Durante o ano de 2001, foram várias as atividades de treinamento, palestras e campanhas de promoção dos produtos. As demandas aumentavam e havia a necessidade de reposicionar estrategicamente as ações. Muitas informações foram colhidas com as campanhas de degustação, treinamentos, participação em feiras e exposições, colocando novas indagações, reestruturando conceitos e reforçando idéias.

Com o lançamento da segunda fase do convênio SAI[6], módulo Mogi das Cruzes, em Dezembro de 2002 e início dos trabalhos em Janeiro de 2003, houve um

[5] Este convênio foi assinado entre o SEBRAE/SP, SAASP E Associação OISCA Brasil, no valor de R$ 429.817,00, com a contratação de 01 coordenador e 02 agentes de negócios e 05 agentes de desenvolvimento (técnico responsável por atuar na cadeia produtiva).
[6] Este convênio teve duração de 12 meses, com início em Dezembro de 2002, mantendo a mesma estrutura do convênio anterior, no valor de R$ 358.252,75.

direcionamento dos esforços em duas frentes: a primeira consistia em fortalecer os grupos já formados, com ações de prospecção de mercado, presença em exposições e feiras e contatos com novas instituições. Outra frente foi o atendimento à novos grupos que iam se formando, principalmente nos municípios vizinhos de Biritiba Mirim e Salesópolis.

Quanto mais se avançava no atendimento aos novos grupos de produtores, ficava evidenciada a complexidade do agronegócio da região. No final do convênio, num encontro entre técnicos do SAI e das instituições parceiras, foram tiradas algumas conclusões importantes:

- as diferenças tecnológicas e os diferentes modos de comercialização entre os grupos de produtores, principalmente hortaliças, dificultava uma ação mais generalizada para a cadeia, obrigando a ações pontuais, que pulverizavam os esforços e não conseguia-se avançar como um bloco organizado. Estas diferenças eram menos acentuadas na produção de caqui;
- a implantação de uma identidade regional, embora aceita pelos produtores como uma boa idéia, esbarrava-se nas diferenças dos produtos, na falta de uma padronização mínima da classificação e na percepção se haveria ou não uma agregação de valor ao produto por parte do comprador;
- a dificuldade de obter informações sobre os produtos, o comportamento da cadeia produtiva e uma série histórica de preços regionais criavam barreiras para definição de estratégias mais consistentes para o mercado;
- o receio por parte do produtor na descontinuidade ou interrupção do convênio SAI, que implicava numa quebra de confiança entre atores;
- os produtores eram muito dependentes dos técnicos do SAI para se reunirem e decidirem em conjunto. Embora quisessem se reunir e trabalhar em conjunto, ficavam na espera da cobrança por parte do técnico. Não havia uma pró-atividade nos grupos.

No final do convênio havia 17 grupos formados e atendidos, um crescimento muito expressivo, frente aos 07 grupos formados e atendidos no convênio anterior. Mas este aumento expressivo ampliou a percepção da necessidade de mudanças táticas na aplicação das estratégias estabelecidas em 2002.

No ano de 2004, novamente por problemas internos na Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo e no SEBRAE/SP, houve uma interrupção no processo de renovação do convênio SAI – Terceira Fase. Isto refletiu diretamente nas atividades que estavam programadas no ano anterior, desmobilizando praticamente todos os novos grupos que foram formados no convênio anterior. Para os grupos mais antigos, não houve um impacto maior. Eles mantinham suas reuniões periódicas e atividades programadas. Isto evidenciou a necessidade do acompanhamento de um técnico até a estabilidade do grupo.

No final do ano de 2004 foi assinado o convênio SAI – Terceira Fase[7], com seus trabalhos iniciando em Janeiro de 2005, onde o foco seria o fortalecimento das ações do módulo anterior, encaminhando os produtores para o processo de qualificação dos produtos agrícolas.

[7] Este convênio, nos moldes dos anteriores, com 01 Coordenador e 05 Agentes de desenvolvimento e 02 Agentes de negócios, no valor de R$ 396.352,75.

Um marco importante no ano de 2005 foi a visita do presidente da APAS – Associação Paulista de Supermercados à região. Organizado pelo IDEAGRO[8] e SAI, o presidente visitou vários produtores e depois palestrou para 150 produtores de hortaliças. Como pode ser constatado ao final do evento, os dois elos da cadeia não se conheciam inteiramente, sinalizando uma necessidade de aproximação e estabelecimento de novas formas de parcerias, principalmente em relação aos pequenos e médios supermercados.

Em julho, resultado da reunião com a APAS, os produtores novamente expuseram os produtos na Feira APAS, num estande totalmente organizado pelo SAI/IDEAGRO e evidenciando o programa AGROALT.

No final de novembro, as primeiras turmas para capacitação do PAS[9] foram realizadas em Mogi das Cruzes e Suzano, com produtores de hortaliças.

Particularmente em 2005, os técnicos do Programa SAI tiveram um ano intenso de atividades,seja na condução dos grupos mais antigos, seja na condução de novos grupos. O trabalho intenso na capacitação dos produtores foi evidente, caracterizando uma necessidade do produtor rural em querer sintonizar com as novas necessidades do mercado.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na tabela 3 são apresentadas as ações realizadas entre os anos de 1997 e 2005. Os anos de 2001, 2003 e 2005 são os que apresentam os maiores números de atividades realizadas e, também, o maior número de grupos de produtores atendidos. Também, são os anos em que o convênio do Programa SAI – Módulo Mogi das Cruzes estava implantado, com seus técnicos atendendo todas as demandas que surgiam, via parceiros (Sebrae/SP, Sindicato Rural de Mogi das Cruzes e CATI/EDR Mogi das Cruzes) ou demandas espontâneas.

Os resultados mostrados deixam evidente que o Programa SAI consegue atuar efetivamente no acesso do produtor rural frente aos programas de capacitação que as entidades que atuam no setor oferecem. Isto se deve ao fato do Programa disponibilizar técnicos que atendem diretamente o produtor rural ou o grupo de produtores.

	1997	*1998*	*1999*	*2000*	*2001*	*2002*	*2003*	*2004*	*2005*
Cursos Gerenciais	1		1		7	1	8		8
Cursos Técnicos		2	1						20
Cursos Formação de Lideranças			1				1		3
Cursos Qualidade		1							1

[8] Instituto para o Desenvolvimento do Agronegócios, associação sem fins lucrativos, formado por técnicos, acadêmicos e produtores, tem como objetivo atuar como um ator responsável pela organização dos projetos locais de agronegócio e desenvolver o programa AGROALT. Foi criado no ano 2002, a partir das ações de capacitação do Curso Agroideal.

[9] PAS – Programa de Alimento Seguro, convênio entre SEBRAE e ANVISA, com objetivo de capacitar os produtores nas Boas Práticas Agrícolas, item importante na busca de certificação de qualidade dos produtos agrícolas.

Palestras	1		1	1	1		5	1	6
Missões e Caravanas	2	4	2				3		4
Consultorias Coletivas		5							1
Simpósios			2				1		1
Eventos				2	3	2	2		3
Convênio SAI					1		1		1
Número de Grupos Atendidos	2	3	4	4	8	3	17	3	25

Tabela 3 – Atividades voltadas para a capacitação do produtor rural da região do Alto Tietê entre 1997 e 2005, realizadas pela parceria SEBRAE/SP, Sindicato Rural de Mogi das Cruzes e CATI/EDR Mogi das Cruzes.

Fica evidente que os problemas que ocorrem na renovação do convênio, implica numa desaceleração das atividades das entidades da região, fato este demonstrado claramente nos anos de 2002 e 2004, com um baixíssimo número de atividades junto aos produtores rurais. As dificuldades burocráticas encontradas para a renovação sistemática do programa deveriam ser superadas para que não ocorressem interrupções nas atividades e, conseqüentemente, um retardo nas conclusões de projetos dos grupos de produtores e das entidades parceiras.

Outro ponto a ser considerado foi o crescente número de grupos de produtores que eram atendidos, sendo que no primeiro ano do convênio SAI dobrou o número de grupos de produtores, passando de quatro para oito. No segundo convênio, passou de oito a dezessete e, no terceiro convênio, para vinte e cinco, demonstrando que as ações de capacitação tem gerado um estímulo para a entrada de novos grupos.

Também, ficou caracterizado que o convênio ao disponibilizar um número de técnicos e, estes sob uma coordenação compartilhada das instituições, houve uma sinergia entre eles, facilitando o processo de trabalho junto aos grupos de produtores. Este fato foi importante, pois demonstrou que sem esta capilaridade dada pelos técnicos, as instituições ficaram limitadas quanto a sua abrangência e capacidade de atuar num expressivo universo de produtores.

6. CONCLUSÃO

Pode-se concluir que o Programa SAI – Sistema Agroindustrial Integrado mostrou-se uma ferramenta adequada para permitir que os produtores rurais da região do Alto Tietê pudessem acessar os produtos e serviços disponibilizados pelos parceiros. Além do mais, reforçou a necessidade de interação entre atores, disponibilizando seus recursos de maneira ordenada e planejada, possibilitando maior abrangência e efetividade das ações.

7. BIBLIOGRAFIA

ABRAMOVAY, R. **Organização rural e capacitação dos atores.** Nota técnica – Relatório final. Programa Estadual de Microbacias Hidrográficas. Governo do Estado de São Paulo, Secretaria da Agricultura e Abastecimento. São Paulo, setembro de 2004.

BUAINAIN, A.M., ROMEIRO, A.R. and GUANZIROLI, C. E. **Family agriculture and the new rural world.** *Sociologias*, Porto Alegre, jul/dez 2003, no.10, p.312-347.

FURQUIM, G., MEDEIROS, M. I. M., PEROSA, J.M.Y. e STEIN, A.C. **Padronização e qualidade da carne na ovinocultura: a capacitação como mecanismo de competitividade frente às demandas de mercado.** In: XLIII Congresso da SOBER. Anais…Ribeirão Preto (SP):SOBER, 2005. CD-ROM.

GUANZIROLI, C.E. (Coordenador). **Diretrizes de Política Agrária e Desenvolvimento Sustentável.** Resumo do Relatório Final do Projeto UTF/BRA/036 – Segunda versão. FAO/INCRA. Março de 1995.

IBGE, www.ibge.gov.br/cidadesat, em 29/05/2005.

MACHADO, J. D., HEGEDUS, P. de e SILVEIRA, L. B. da. **Estilos de relacionamento entre extensionistas e produtores: desde uma concepção bancária até o "empowerment". *Cienc. Rural,*** Santa Maria, mar./abr. 2005, vol.36, no.0, p.641-647. ISSN 0103-8478.

MERCÊS, D. L. e SANT'ANA, A.L. **Análise da extensão rural no cinturão verde de Ilha Solteira (SP): as perspectivas dos produtores e técnicos.** In: XLIII Congresso da SOBER. Anais Ribeirão Preto (SP):SOBER, 2005. CD-ROM.

PAULILLO, L.F. **Redes de poder & territórios produtivos: indústria, citricultura e políticas públicas no Brasil no século XX.** São Carlos: Rima: Editora da UFSCar, 2000.

PEREIRA, M.F., LARA, M.O., PEROSA, J.M.Y. e STEIN, A.C. **PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO: uma experiência através da formação de núcleos de produção.** In: XLIII Congresso da SOBER. Anais Ribeirão Preto (SP):SOBER, 2005. CD-ROM.

PROJETO LUPA, Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Estatísticas Agrícolas, EDR Mogi das Cruzes, base 1995/1996. http://www.cati.sp.gov.br/novacati/index.php em 19/07/2005.

RICCI, R. **Esboços de uma nova concepção de educação no meio rural brasileiro.** http://www.serrano.neves.nom.br/dowloads/educrural.pdf em 13/02/2006.

SACHS, I. **Desenvolvimento Humano, Trabalho Decente e o Futuro dos Empreendedores de Pequeno Porte no Brasil.** Brasília**:** Edição Sebrae, 2002.

SEBRAE/SP, SINDICATO RURAL DE MOGI DAS CRUZES e SECRETARIA DA AGRICULTURA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Convênio 049/04 – Programa SAI – Módulo Mogi das Cruzes.** São Paulo, Dezembro de 2004.

SEBRAE/SP. **Sumário de Gestão 2003/2004 Sebrae SP.** São Paulo: Sebrae/SP, 2005.

TEIXEIRA, S.R., KRUG, E.E.B. e STOCK, L.A. **Demanda para técnicos de pesquisa e extensão versus treinamento recebido.** In: XLIII Congresso da SOBER. Anais…Ribeirão Preto (SP):SOBER, 2005. CD-ROM.